

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

JEAN-DANIEL POLLET, A MATÉRIA DO MUNDO

25 de Março de 2022

AU PÈRE LACHAISE / 1986

um filme de JEAN-DANIEL POLLET e PIERRE-MARIE GOULET

Realização: Jean-Daniel Pollet, Pierre-Marie Goulet *Comentário:* Jean Thibaudeau *dito por* Jean-Daniel Pollet (não creditados) *Fotografia* (35 mm, cor): Noël Véry *Montagem:* Françoise Geissler *Música:* Antoine Duhamel *Produção:* Atelier Audiovisuel du Musée d'Orsay *Produção executiva:* Ilios Films (França, 1986) *Cópia:* La Traverse, DCP, cor, falada em francês, legendada electronicamente em português, 13 minutos *Primeira exibição na Cinemateca.*

LES MORUTIERS / 1966

um filme de JEAN-DANIEL POLLET e ÉTIENNE LALOU

Realização: Étienne Lalou, Jean-Daniel Pollet *Fotografia* (preto-e-branco e cor): Yann Le Masson *Som:* Jean Baronnet *Montagem:* Néma Baratier *Produção:* Régie française de cinéma (França, 1966) *Cópia:* La Traverse, DCP (digitalização e restauro em 2K a partir dos negativos originais, 2019), preto-e-branco e cor, falada em francês, legendada electronicamente em português, 21 minutos *Primeira exibição na Cinemateca.*

POUR MÉMOIRE (LA FORGE) / 1978

um filme de JEAN-DANIEL POLLET, MAURICE BORNE

Realização: Jean-Daniel Pollet, Maurice Borne *Argumento:* Maurice Borne *Colaboração no argumento:* Maryvonne Jattiot *Fotografia* (35 mm, preto-e-branco e cor): Jean-Daniel Pollet *Som:* François Bel *Mistura:* Jean-Paul Loublier *Montagem:* Maurice Borne, Jean-Daniel Pollet *Música:* Dana Chivers *Com* Lucien Doyen, René Duchamp, Roland Rousseau, Émile Villette *Produção:* Société de productions Ilios Films (França, 1978) *Cópia:* La Traverse, DCP (digitalização e restauro em 2K a partir dos negativos originais, 2018), preto-e-branco e cor, falada em francês, legendada electronicamente em português, 60 minutos *Título na película:* POUR MÉMOIRE *Estreia em França:* 11 de Março de 1981 *Inédito comercialmente em Portugal Primeira exibição em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca:* 2 de Novembro de 2011 ("Resíduos", com filmes de Peter e Peter e Zsóka Nestler).

NOTA

Vamos apresentar AU PÈRE LACHAISE no DCP de La Traverse que é, de momento, a melhor possibilidade de ver o filme. Há, no entanto, a notar que o efeito de "arrastamento" e alguma falta de nitidez da imagem possivelmente associados às condições da sua digitalização não fazem justiça à qualidade visual do filme.

A lógica linear da sessão aponta para o alinhamento de três títulos da filmografia de Jean-Daniel Pollet criados em colaboração criativa com um cúmplice, um a um – o "nosso" Pierre-Marie Goulet, cineasta que foi também, em Portugal, um programador de cinema atento a Pollet (AU PÈRE LACHAISE); Étienne Lalou (LES MORUTIERS); Maurice Borne (POUR MÉMOIRE). Porventura mais sub-reptícia, emerge a ideia – ou a sensação? – elementar, os elementos, a terra (AU PÈRE LACHAISE), a água (LES MORUTIERS), o fogo (POUR MÉMOIRE ou LA FORGE). É uma possibilidade do espectador diante de três filmes realizados em três décadas distintas do século XX, três filmes-ensaio que respondem a reptos (os dois primeiros) e fixam gestos de trabalho, processos de fabrico (os dois últimos), embrenhando-se (os três) na poesia da *matéria do mundo*.

AU PÈRE LACHAISE nasce de uma encomenda do impressionista Musée d'Orsay, fixando o encontro das sensibilidades de Pollet e Goulet, atentos à voz das abelhas na sua deambulação pelas paredes e veredas do cemitério mais filmado do mundo. Verdadeira ou não, a impressão é essa. O parisiense Père Lachaise que ultimamente, pela Cinemateca, visitámos em pequenos filmes vagueantes de Sarah Maldoror (LE CEMITIÈRE DU PÈRE LACHAISE, de 1978, no qual, em *off*, se escutam poemas de Apollinaire e Paul Éluard) ou

Delphine Seyrig (*POUR MÉMOIRE*, de 1987, com a voz *off* de Seyrig em tributo a Simone de Beauvoir), é capaz de ser o cemitério mais famoso do mundo, dos mais bonitos, dos que guardam ecos mais universalmente apreensíveis. Um passeio no interior do cemitério Père Lachaise em Paris, dita um resumo do filme, acrescentando a sua dimensão de homenagem aos mortos anónimos. Por ela passa o colectivo dos combatentes populares do século XIX da Comuna (como no filme de Maldoror, já agora lembre-se). A densidade dos treze minutos de *AU PÈRE LACHAISE* convoca os travellings e os planos de pormenor, a câmara deambulante pela paisagem de árvores e pedra, uma montagem justa com o ritmo sincopado dos múltiplos breves planos e dos planos em movimento sem corte, a música de Duhamel, o texto dito *off*, extravasando de sentido. É na parte final que se diz, “Memória, a nossa memória [...] entre estes túmulos agora desfeitos... [...] Há duas portas no sono, uma é a verdadeira, é de corno, e é por ela que passam os mortos. A outra é de marfim, reverberante, e por ela se reenviam, aos vivos, os sonhos. Com a boca, os mortos fazem o mesmo ruído, o ruído das abelhas.”

LES MORUTIERS, os bacalhoeiros, composto como um poema a preto-e-branco translúcido e a cores vivas, teve na sua origem uma encomenda do Sindicato dos Pescadores de Bacalhau, sendo aos trabalhadores do mar que Pollet e Lalou devolvem a palavra, documentando a sua vida de embarcados ao largo da Terra Nova e da Gronelândia. O gesto foi também político: “Foi [realizado] numa altura em que tinha pouco trabalho. Tive de fazer um filme com Serge Lalou que mostrasse a vida dos bacalhoeiros. Para mim, foi interessante constatar o que era a vida a bordo desses barcos. Era a fábrica da Renault em pior! Os financiadores queriam um filme que, entre outras finalidades, cumprisse a de levar as pessoas a empregarem-se na pesca do bacalhau. Era-me moralmente impossível fazê-lo. Para o comentário, recorri a entrevistas de marinheiros feitas no barco durante a travessia. É o único dos filmes por mim realizados que é possível aproximar a um registo de reportagem, mas como escolhia os planos que queria filmar como numa ficção, não é possível tratar-se de um simples documentário. É a transmissão de uma realidade assustadora.”

Dedicado ao pai de Jean-Daniel Pollet na abertura em *off*, *POUR MÉMOIRE (LA FORGE)* justapõe um comentário *off* às imagens que registam o trabalho operário numa antiga fundição. O espaço de uma fundição na Normandia nos seus últimos dias de actividade é filmado por Pollet “para memória (futura)”, na ressaca de *L’ACROBATE* (1975), ainda um título da “série Claude Melki”. Fiel ao seu cinema de veia mais livre que ficcional, o registo desse lugar específico e dessa actividade concreta é tanto o retrato de um microcosmos como o cenário de uma abstracção, ou seja, o retrato de um mundo em registo de ensaio. O espaço da fundição normanda, os trabalhadores (que também são ouvidos, testemunhando o fim que se aproxima daquela unidade de algum modo exemplar do funcionamento industrial devedor do século XIX), os instrumentos e os gestos do seu trabalho são laboriosamente filmados, a preto-e-branco e a cores, em grandes planos sincopados (das mãos, das botas dos operários – a abertura e o fecho do filme) e em discretos movimentos dentro dos planos (frequentemente atravessando o espaço da “forja” em travellings para a frente e para trás) mas também, ainda, em *raccords* com planos fixos, fotografias que vêm cortar o fluxo do filme (em *inserts*) ou que o interrompem para o incorporarem (quando a câmara percorre fragmentos desses mesmos *inserts* congelados).

A representação do mundo dos operários da fundição filmada por Pollet inscreve-se num cinema “de memória” ou “em memória”, tanto evocando a carga histórica e social que participa das imagens como fixando a sua explosiva plasticidade. E vem-nos à memória uma frase de um filme distante, célebre, em que se fala do segredo por revelar da fundição. Como sucede à personagem de *ANDREI RUBLIOV*, o filme de Tarkovski, no filme de Pollet o segredo da fundição, que se perscruta, fica por desvendar. Assim mesmo, como um mistério.